

ERRO DE
PESSOA

Costra

Amostra

Eliana Cardoso

ERRO DE
PESSOA

Romance



MINOTAURO

Erro de Pessoa

Copyright © 2026 Minotauro.

Minotauro é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2026 Eliana Cardoso

ISBN: 978-65-6143-159-0

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C268e

Cardoso, Eliana

Erro de pessoa / Eliana Cardoso. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Minotauro, 2026.

160 p.; 15,7 x 23 cm.

ISBN 978-65-6143-159-0

1. Romance brasileiro. 2. Ficção psicológica. 3. Mulheres – Ficção. 4. Violência – Ficção. I. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: Romance 869.93

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Rita Motta



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



**“Passaram os ventos de agosto
Voaram telhados, voaram andaimes, voaram coisas imensas;
os ninhos que os homens não viram nos galhos,
e uma esperança que ninguém viu num coração.”**

— CECÍLIA MEIRELES

Amostra

Sumário

PARTE I

CAPÍTULO 1.	<i>O tamanduá-bandeira</i>	3
CAPÍTULO 2.	<i>Mar de lama</i>	7
CAPÍTULO 3.	<i>Sob os braços do Redentor</i>	11
CAPÍTULO 4.	<i>Improviso</i>	14
CAPÍTULO 5.	<i>Arapuca</i>	16
CAPÍTULO 6.	<i>Dolo</i>	21
CAPÍTULO 7.	<i>O Cadillac</i>	24
CAPÍTULO 8.	<i>O aquário</i>	26
CAPÍTULO 9.	<i>Playboy</i>	29
CAPÍTULO 10.	<i>Procura-se</i>	32
CAPÍTULO 11.	<i>Nervos de aço</i>	35
CAPÍTULO 12.	<i>Tricô</i>	40
CAPÍTULO 13.	<i>Chove, chuva</i>	44
CAPÍTULO 14.	<i>A dama de rosa</i>	47

CAPÍTULO 15. <i>Begônias</i>	50
CAPÍTULO 16. <i>Buraco negro</i>	52
CAPÍTULO 17. <i>Bolo de laranja</i>	55
CAPÍTULO 18. <i>Madrugada</i>	57

INTERREGNO

CAPÍTULO 19. <i>Taça quebrada</i>	63
CAPÍTULO 20. <i>Composição com pássaros</i>	65
CAPÍTULO 21. <i>Alguns anos mais tarde</i>	68

PARTE II

CAPÍTULO 22. <i>A arte da contemplação</i>	73
CAPÍTULO 23. <i>A vassoura</i>	79
CAPÍTULO 24. <i>Inútil paisagem</i>	81
CAPÍTULO 25. <i>Sexta-feira, duas horas da tarde</i>	84
CAPÍTULO 26. <i>Cálido punhal</i>	87
CAPÍTULO 27. <i>Agosto amargo</i>	91
CAPÍTULO 28. <i>O túnel</i>	95
CAPÍTULO 29. <i>Cicatrizes</i>	98
CAPÍTULO 30. <i>O anel na gaveta</i>	102
CAPÍTULO 31. <i>Tropel de ventos</i>	107

PARTE III

CAPÍTULO 32. <i>Na praia</i>	113
CAPÍTULO 33. <i>A casa dos loucos</i>	115
CAPÍTULO 34. <i>O pátio</i>	118
CAPÍTULO 35. <i>Quem é você no jogo do bicho?</i>	121
CAPÍTULO 36. <i>Verdi e Rossini</i>	126

PARTE IV

CAPÍTULO 37. <i>O palácio dos loucos</i>	131
CAPÍTULO 38. <i>Feridas como rosas cálidas</i>	134
CAPÍTULO 39. <i>Com quantos punhais se escreve uma história?</i>	137
CAPÍTULO 40. <i>Regicídio</i>	139
CAPÍTULO 41. <i>A oficina</i>	142
CAPÍTULO 42. <i>Na paisagem cansada, o sol descansa</i>	145
<i>Epílogo</i>	147
<i>Agradecimentos</i>	149

Amostra

PARTIE I

“O ‘cansada que eu estava’ era só cansada de ceder”.

— ROSA PARKS

“Tenho uma violência dentro de mim que é quente como o sangue da morte. Posso me matar ou — sei disso agora — até matar outro. Eu poderia matar uma mulher ou ferir um homem. Acho que eu poderia. Travei as mãos com força para contê-las, mas tive um lampejo de estrelas ensanguentadas na cabeça. . .”

— SYLVIA PLATH

“O senhor Getúlio Vargas não deve ser candidato à presidência; candidato, não deve ser eleito; eleito, não deve tomar posse; empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar”.

— CARLOS LACERDA. TRIBUNA DA IMPRENSA

**“Matou-se Vargas! O Presidente cumpriu a palavra:
‘Só morto sairei do Catete’”.**

— ÚLTIMA HORA

CAPÍTULO 1

O tamanduá-bandeira

Mais um daqueles impulsos súbitos, irrefletidos, incontrolláveis. Se tivesse pensado duas vezes... Lena deixa a porta do apartamento bater atrás de si. Leva 10 notas de 10 cruzeiros na bolsa: 100 mil réis, pouco menos da metade de um salário-mínimo. Suficiente para pegar um táxi para o centro, comer alguma coisa e pensar no “em seguida”. Pode contar com tia Jesuína em uma emergência. Pega o táxi na Avenida Atlântica, a duas quadras de seu apartamento. Desce em frente à Igreja de Nossa Senhora da Candelária, bom lugar para traçar planos. Encontrando a igreja fechada, Lena dá uma volta, vira na rua da Quitanda, dobra na do Rosário e entra num botequim perto da rua do Carmo.

Em uma mesa perto da janela, Fernandinho Cabelo, Manoel Rapadura e Seu Demócrito tomam cerveja.

Mordendo os lábios, Lena observa os olhos de Fernandinho cravados nela. Calado, ele registra: jovem rica, porte orgulhoso. Disfarça alguma insegurança? Talvez... Tem alguma fraqueza ali bem no fundo, corroendo a alma. Beleza inegável, cabelos caprichosamente cacheados. Caiu, pombinha, no lugar errado. O que está fazendo aqui? Nota algo de enigmático na mulher. Pisca para ela. Ela desce um pouco as pálpebras com o *languor* e o desdém insondável da onça enjaulada.

— De olho naquele vestido cor de melancia, hein? — Seu Demócrito, diz, dando uma cotovelada em Fernandinho. — É puta se fingindo de rica. Aposto que é puta nova no “Senadinho”.

Manoel Rapadura faz um muxoxo e se levanta:

— Tá na hora. Vamos nessa.

Apagando o cigarro, seu Demócrito o acompanha. Fernandinho Cabelo fica.

Difícil passar despercebida, sendo tão bonita. Talvez não. Lena hesita. Num desafio, levanta os olhos cor de âmbar para Fernandinho, que vislumbra força na figura de rosa-choque. Levanta-se e caminha na direção de Lena. Os ombros arredondados ressaltam os músculos do bíceps. Playboy bandido, a cabeça para frente, o pescoço quase desaparecendo entre o queixo e as clavículas. Devagar, a cada passo, Fernandinho avança com passadas pesadas e lentas, imponente, exibindo força. Um urso em marcha ou um tamanduá-bandeira, talvez. Aproxima-se, pousa a mão pesada no ombro de Lena, como se fossem velhos conhecidos.

— Vem comigo. — Diz.

Já está escuro. Lena e Fernandinho caminham até o São Borja, na Avenida Rio Branco, um edifício de ocupação mista, residencial e comercial, em frente ao Senado. A entrada ampla do São Borja se abre para um corredor comprido com lojas fechadas à noite. Há outra entrada nos fundos que dá para o estacionamento com uma passagem para a rua México, perto dos elevadores. No elevador, Fernandinho tira uma chave do bolso e comenta: apartamento de amigos. É meu nas quartas e quintas. Você vai gostar.

Dentro do apartamento, Fernandinho mede Lena com os olhos por um minuto:

— Você quer, eu sei. — Afirma com a voz rouca, enquanto arranca o vestido de Lena e a empurra para o quarto.

Sentado na beirada da cama, Fernandinho esvazia os bolsos e põe uma pistola .45, um punhal e uma carteira de couro marrom em cima do criado-mudo. Depois tira um anel grosso do dedo que coloca cuidadosamente ao lado da carteira. Sem olhar para Lena, que está de pé imóvel, como uma múmia congelada, ele diz:

— Tira as sandálias. E a calcinha também.

Ela não obedece. Ele se levanta e a joga em cima da cama. Abre a braguilha, puxa a calcinha de Lena e a penetra. Lena dá um grito. Olha a mancha de sangue entre as pernas.

— Uma virgem — ele diz. — Quem diria.

Ri, se vira na cama, recosta a cabeça no travesseiro e fecha os olhos.

Lena espera. O tempo passa. Lena percebe o ressonar ruidoso. Respira fundo. Incha o peito. A cabeça lateja um pouco. Ela olha o punhal na mesinha. Num movimento brusco, levanta-se, agarra o punhal e o crava na virilha de Fernandinho.

Fernandinho estremece numa resposta automática à pontada forte. Dá um solavanco e acorda com a dor intensa, a pele pálida, a respiração rápida. Quer pedir água, mas não tem voz. A inesperada letargia o deixa confuso e fraco. Vê o grosso jato de sangue da veia femoral. Perde a visão, abre a boca como se quisesse gritar. A morte chega aos poucos, enquanto o sangue continua a jorrar em grande quantidade. Lena olha aquele homem gigantesco, agora impotente. Estremece, inclina a cabeça para trás, o próprio corpo respingado de sangue. Se recompõe. Indiferente ao fedor das fezes e da urina que se misturaram ao sangue na cama, caminha devagar, sai do quarto e entra no banheiro.

Lena não se lembra de quanto tempo ficou debaixo do chuveiro segurando o punhal. Quando fechou a torneira, ainda o agarrava agora limpo em suas mãos. Outra vez no quarto, evitou olhar para a cama, apanhou suas roupas e sapatos e se vestiu na sala. Voltou ao quarto, pôs o punhal e o anel na bolsa e foi embora.

Ninguém no elevador e na portaria. A Avenida Rio Branco, movimentada durante o dia, estava quase vazia naquela madrugada. Raros transeuntes sob a luz suave de lampiões davam a Lena a falsa sensação de tranquilidade. Lena passou pela Praça Floriano e caminhou para o Flamengo pela Avenida Beira Mar. Ao som das ondas e abençoada pela brisa que soprava nas palmeiras, apertou o passo e caminhou apressada durante duas horas até chegar à casa de tia Jesuína.

Amostra

CAPÍTULO 2

Mar de lama

Toda semana, eu e Chico almoçávamos no Lamas. Nas tardes quentes do Rio, a fumaça dos cigarros e o zunzum das vozes se misturavam ao ruído que vinha da rua. Para mim, o Café Lamas era um pedaço da alma carioca, um lugar onde me relaxava, prolongando o papo com Chico antes de enfrentar novamente o calor da rua. Falávamos de política e de crimes, tudo bem temperado com matérias da Tribuna da Imprensa e da página policial do Correio da Manhã. O garçom, meu velho amigo, aparecia sempre na hora:

— Tudo bem, seu Jorge? Mesa para dois?

Já sentado, vi Chico entrar de terno, vindo de seu trabalho na delegacia no centro, naquela tarde de agosto. No ginásio, a gente dizia que ele era o melhor jogador de futebol da nossa geração. Puta que o pariu! Um corpo de atacante: baixo, forte e rápido, as coxas tão grossas quanto a cintura. Quando criança, chutava qualquer coisa redonda que encontrasse. Abandonou o futebol cedo, achando que era hora de se concentrar no curso de direito. Fez concurso público virou delegado.

Ao se aproximar mais uma vez, o garçom não precisou perguntar ao Chico o que ele queria. O velho freguês vinha sempre pela manhã

para o café com leite e pão com manteiga e, depois, ao meio-dia, para comer o filé com fritas. Até no comer, Chico sempre foi conservador.

Pedi um filé à Oswaldo Aranha e chopp gelado e agradeci com um sorriso e o polegar pra cima. Se ajeitando na cadeira, Chico me perguntou à queima roupa:

— E o romance?

— Sem data pra começar — respondi.

A seção cultural do jornal estava me consumindo. O editor pedia entrevistas semanais com artistas e a transcrição tomava um tempo sem fim. Mas não indo à redação naquele dia, podia me perder em divagações. Falar do livro que vai carregar a lembrança da mata que conheci na infância — o cheiro úmido da terra entre as árvores, a luz filtrada na renda das folhas. A névoa seria parte da história. E o rosto de Marita. Morta na volta da escola para casa, o corpo embrulhado em plástico. Sob a normalidade da superfície, a violência acontece. Quando menino, gostava de andar pelas ruas à noite e me interessava não por casas bem iluminadas, mas por janelas com pouca luz e cortinas escondendo segredos. E atrás delas, por um homem e uma mulher, sentados em silêncio, sem saber que eu estava plantado ali a espioná-los. Não me incomodo se o público se confundir. Bom é fazer perguntas e comparar revelações. Invejo quem sabe transformar vidro frágil em aço. Se eu pudesse, não deixaria um só detalhe — o copo vazio em cima da mesa, a sujeira debaixo do ventilador, o tom preciso dos lábios de Marita — absolutamente nada escapar de minha atenção. O enredo seria simples: um protagonista confrontando o lado sombrio de si mesmo. Tão escuro esse lado que psiquiatras achariam difícil ver qualquer luz ali. Será preciso mostrar texturas, a própria aparência e sensação da lama, da poeira, de escamas e lodo e o espanto diante do horror e da beleza do mundo.

— Sabe, Chico? Eu falo do lodo, mas não carrego essas sombras internas. Vim de um tempo mais leve do que minhas histórias.

Chico, sempre pragmático, disse que eu estava demorando demais a começar o livro, e depois mudou o rumo da conversa. Chico lembrou que o assunto do dia era o atentado da rua Tonelero e que os estudantes estavam em greve e tinha sangue nas ruas.

— Sangue nas ruas é demagogia da oposição — reagi perdendo as estribeiras. E continuei: — Puta que o pariu. O seu líder, hein? Antes de qualquer investigação, declara o que bem entende... É pura demagogia.

— Qual é, Jorge? Essa sua implicância com o Lacerda é que não tem limites. Afinal... você é getulista? Se filiou ao PTB?

— Nenhuma dessas merdas, — respondi e seguimos ambos falando ao mesmo tempo, cada um reafirmando as próprias preferências políticas num bate-boca do qual relato aquilo de que me lembro, principalmente do Chico acusando o Lacerda e a UDN de quererem derrubar o governo.

— Lá vem... Não tente me convencer de que o espetáculo da oposição é melhor. O seu Lacerda não passa de um agitador de merda. Me dá asco ver esse cara de gesso no pé: um bandido falando de bandidos.

— Só um cego não concorda com ele: é corrupção que não acaba mais.

— Pode até ser. Mas o presidente mandou apurar. Você tem alguma dúvida?

— Claro que sim. Duvido que esse governo faça algo para prender os culpados. Está na cara que o Gregório mandou matar o Lacerda.

— Pode ser. Para mim, é a oposição que quer derrubar Vargas, não importa o custo.

Peguei meu copo, dei um gole e disse tentando pôr fim a discussão:

— Bom, o que sei é que a polícia já apurou a identidade do motorista. Vão prender o pistoleiro ainda hoje. O Climério era amigo do Gregório. Com provas da participação do Gregório, o governo está enrascado. O seu Gegê e os capangas dele, todos na merda...

— Tá, tá. Vamos virar o disco? — Chico perguntou.

— Claro. Tá mesmo na hora de ir embora, — eu disse.

Levantamos e seguimos em direção à saída. Chico foi na frente e segui atrás, mancando um pouco por causa do meu pé esquerdo, uma história que deixo para outro dia.

— Sabe de uma coisa? — disse Chico quando já estávamos na rua. Com a voz abafada pelo ruído de um ônibus, completou: — Não foi só o major Vaz que morreu. Mataram o Fernandinho Cabelo.

— Fernando Cabelo? O bicheiro?

— Ele mesmo. Mortinho da Silva.

— Caralho! Já entrevistei essa figura para o Correio da Manhã. Já te contei essa história? Sabe o que ele me disse? “Sou dono de cavalos de corrida. Por quê? Porque dono de cavalo não paga imposto.”

— Um bandido.

— Tem mais: disse que tinha mais de 100 mulheres.